

**ENTRE RIOS E RUAS: O LER E ESCREVER NA ESCOLA PÚBLICA DE
MANAUS/AM****Felipe Costa Passos Anveres**

Acadêmico do 8º período do curso de
Licenciatura em Pedagogia na Universidade do Estado do Amazonas.

E-mail: fcpa.ped17@uea.edu.br

Larissa Cavalcante Barboza

Acadêmica do 6º período do curso de
Licenciatura em Letras da Universidade Federal do Amazonas.

E-mail: larilcb02@gmail.com

Lucilene Pacheco Santos

Formadora e pesquisadora do Lepete/UEA/CNPq.

Coordenadora Pedagógica do PAD.

Formadora da Divisão de Desenvolvimento Profissional do

Magistério/DDPM/Semed/Manaus.

E-mail: lucilene.santos@semad.manaus.am.gov.br

Jediã Ferreira Lima

Formadora e pesquisadora do Lepete/UEA/CNPq.

Coordenadora Pedagógica do PAD.

Formadora da Divisão de Desenvolvimento Profissional do

Magistério/DDPM/Semed/Manaus.

E-mail: jedy.lima@hotmail.com

RESUMO: Este relato trata das vivências em duas escolas públicas, possibilitadas pelo projeto de Assistência à Docência (AD) do Laboratório de Ensino, Pesquisa e Experiências Transdisciplinares em Educação (LEPETE) da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Com foco no letramento, o trabalho com alunos do ensino fundamental I (3º e 1º ano) foi fundamental para suscitar reflexões acerca do distanciamento entre teoria e prática. Nesta jornada, a visão de um graduando em pedagogia e de uma graduanda em letras pôde unir diferentes concepções para pensar o ensino. Com base em conceitos de inter e transdisciplinaridade, conforme Wanzeler e Menezes (2020), pôde-se traçar as subjetividades das trocas de conhecimento dentro do LEPETE; ademais, os pensamentos de Magda Soares (1998; 2020; 2021) e de Paulo Freire (2021) tornaram-se peças-chave para a reflexão acerca da docência e do letramento, de acordo com as experiências vividas, buscando questioná-las e pensá-las fora da concepção do ensino tradicional.

Palavras-Chave: Relato de experiência. Assistência à docência. Letramento.

ABSTRACT: This report deals with the experiences in two public schools, made possible by the Teaching Assistance (AD) project of the Teaching, Research and Transdisciplinary Experiences in Education Laboratory (LEPETE) of the Amazonas State University (UEA). With a focus on literacy, the work with elementary school students I (3rd and 1st year) was essential to raise reflections on the gap between theory and practice. In this journey, the vision of a graduate student in pedagogy and a graduate student in literature could unite different conceptions to think about teaching. Based on concepts of inter and transdisciplinarity, according to Wanzeler and Menezes (2020), it was possible to trace the subjectivities of knowledge exchange within LEPETE; moreover, the thought of Magda Soares (1998; 2020; 2021) and Paulo Freire (2021) became key pieces for the reflection on teaching and literacy, according to the lived experiences, seeking to question them and think about them. them outside the conception of traditional teaching.

Keywords: Experience report. Teaching assistance. Literacy.

INTRODUÇÃO

O presente relato de experiência apresenta-se como convite a um mergulho, mesmo que ainda de forma resumida, em águas desafiadoras do educar nas perspectivas de dois professores em formação nos cursos de Licenciatura em Pedagogia e Letras – Língua e Literatura Portuguesa, na Universidade do Estado do Amazonas (UEA) e Universidade Federal do Amazonas (UFAM), respectivamente.

Nessas águas, perfeitamente contextualizadas com a realidade do ensinar na Amazônia, e com os desafios da escola pública na cidade e no campo, trazemos uma síntese de experiências vivenciadas no Laboratório de Ensino, Pesquisa e Experiências Transdisciplinares em Educação (LEPETE) da UEA, mais precisamente no projeto Assistência à Docência (AD).

Para isso, esse relato já nasce da forma como defendemos o processo de ensino-aprendizagem: de maneira dialógica. Nossos relatos pessoais, aqui apresentados, em alguns momentos de forma separada, são reflexos de experiências já realizadas enquanto veterano do projeto e das expectativas enquanto iniciante.

Nossas bagagens acadêmicas agora interligam-se dentro de um processo de reflexão que o projeto Assistência à Docência propõe através da escrita. Esse processo, além de tornar-se integrador, eleva a forma como o LEPETE/UEA enxerga seu trabalho e seus assistentes, pois através de nossas experiências, críticas, pensamentos e identidades, garante um processo pedagógico cada vez mais alinhado e próximo com as demandas do laboratório, da formação de professores, da escola e, conseqüentemente, da sociedade.

As narrativas aqui descritas terão como base as experiências obtidas ainda durante a pandemia, no retorno presencial das aulas na rede municipal de educação de Manaus. As escolas citadas estão entre o contexto da cidade e da zona ribeirinha, tendo como foco principal a reflexão acerca do processo de alfabetização e da docência.

O pensamento de Magda Soares (2020) torna-se indispensável para fundamentar e ratificar o posicionamento do próprio laboratório em relação às concepções e práticas envolvidas no processo de alfabetização e letramento nas escolas e às problemáticas que norteiam esse conjunto de habilidades.

Em relação às experiências docentes, o pensamento freireano é fundamental, pois eleva a discussão sobre formação de professores não apenas a um nível acadêmico e político, mas também poético. A fala de Paulo Freire (2021), carregada de problematizações, alimenta um olhar crítico sobre nossa própria prática em uma perspectiva de não apenas aperfeiçoar nossas metodologias, mas também contribuir para uma formação de identidade profissional alinhada às demandas reais da escola pública.

ENTRE EXPECTATIVAS E EXPERIÊNCIAS: A ASSISTÊNCIA À DOCÊNCIA

Larissa Cavalcante

Eu me chamo Larissa Cavalcante e tenho vinte e três anos, curso o sexto período de licenciatura em Letras – Língua e Literatura Portuguesa, na UFAM. Meu apreço pela linguagem iniciou quando comecei a ler - ou mesmo antes disso, pois ficava encantada com as imagens dos livrinhos, e gostava de folhear os paradidáticos que vinham no material escolar. Aos sete anos, quando eu já sabia ler e escrever, a professora da primeira série solicitou uma atividade na qual os alunos deveriam redigir uma historinha e confeccionar um livro. Daí em diante, passei a transpor sua criatividade para o papel, e criou intimidade com a escrita.

Com o passar do tempo, já não restavam dúvidas: a língua portuguesa tinha me escolhido. Sempre acabava cultivando maior afeto pelos professores e professoras de português, e tinha facilidade para aprender os conteúdos. No primeiro ano do ensino médio, um professor muito querido me abriu as portas para o gosto pela literatura, e apesar de ele lecionar a matéria de gramática, sempre me indicava leituras, por isso criou-se uma amizade, além de ele ter sido grande incentivo para que ela pensasse em escolher o curso de letras e a licenciatura. É uma pena que essa hipótese sempre ficasse em segundo plano.

Meu sonho era fazer jornalismo, e talvez letras em seguida, mas não queria lecionar. Eu era tímida demais e tinha pavor de falar em público, por isso pensava “eu jamais vou ter capacidade de dar aula!”. No terceiro ano do ensino médio, tomei uma decisão: cursaria direito. Mesmo sem saber ao certo o que teria no

curso, ou se queria isso mesmo. Inconscientemente, a pressão pelas provas de vestibular foi mais forte, e a escola na qual eu estudava reproduzia a ideia de que os alunos só teriam sucesso em cursos de elite. Então, passei em direito na UEA, em 2016, e cursei por dois anos. No início do segundo ano de curso, decidi que desistiria e tentaria vestibular, sem saber para quê, jornalismo, psicologia ou letras.

Por querer dinheiro para uma viagem que faria, lecionei aulas particulares de língua portuguesa para duas alunas do ensino fundamental. Desde a primeira vez que fui chamada de “professora”, empolguei-me com a ideia de lecionar, e percebi que poderia fazê-lo, aprenderia as metodologias no decorrer do curso. Dito e feito, tomei a decisão de entrar em letras, um tanto difícil, se considerar a pressão familiar - e social - para permanecer em direito. Infelizmente, as licenciaturas não são valorizadas, e são pensamentos como estes que levam à maior desvalorização da profissão do educador.

Em 2018, entrei em Letras - Língua e Literatura Portuguesa na UFAM, e prontamente percebi que pertencia àquele lugar. Aquele apreço pela linguagem que surgiu lá na infância, guardadinho, pôde se libertar e descobrir um universo de conhecimentos dentro do curso. Obviamente, nem tudo são flores, mas cursar Letras, para mim, tem muito mais flores que espinhos.

Academicamente falando, já no segundo semestre do curso, participei do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), que, para mim, abriu muitos horizontes acerca da docência, e pude perceber que, de fato, pretendia atuar na sala de aula. Também pude realizar uma iniciação científica na área de literatura, através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), e pude confirmar minha preferência pela literatura. Atualmente, faço parte do programa Residência Pedagógica.

Entre no LEPETE neste ano de 2021, por meio de um concurso de estágio da Prefeitura de Manaus. Como recém-chegada no mundo da assistência à docência, tenho ótimas expectativas: acredito que tanto o LEPETE me acrescentará conhecimento e experiência enquanto profissional da educação quanto poderei contribuir com o pouco que já sei para o laboratório. O que me chamou a atenção foi o posicionamento político bem explícito do LEPETE, de combate ao desmonte da educação pública, de luta contra o conservadorismo, contra o preconceito e a censura. Acredito que não dá para pensar em educação com pensamentos ultrapassados e preconceituosos, pois ser professor é estar em constante reflexão sobre a prática docente, já que o conhecimento nunca está acabado. Por isso, pretendo expandir muito mais meus horizontes no projeto de Assistência à Docência.

Felipe Anveres

Meu nome é Felipe Anveres, tenho vinte e dois anos, estou no oitavo período de Licenciatura em Pedagogia pela UEA. Desses quase quatro anos de academia, há dois faço parte do projeto Assistência à Docência. Contudo, assim como a colega Larissa traz na descrição de sua trajetória, a educação não foi o primeiro plano de carreira profissional, mas foi um achado nas decepções pessoais com meu processo educacional que se tornou, sem dúvidas, uma paixão.

O ensino médio é ponto decisivo para os adolescentes na escolha do curso que irão concorrer no vestibular. O sonho da aprovação em uma Universidade pública é presente e o medo de uma escolha errada traz a sensação que poderemos “falhar” com nosso ideal de futuro estável.

No segundo ano do ensino médio, me apaixonei por jornalismo e arquitetura, porém a comunicação sempre brilhou meus olhos. Portanto, estava batido o martelo: o vestibular seria para o curso de jornalismo. Terminado o segundo ano a ideia ainda estava mantida, já estava procurando faculdades particulares como uma opção além das públicas e junto com uma amiga criei uma página no Facebook com o objetivo de criar debates acerca de problemáticas sociais.

No terceiro e último ano estava animado para as inscrições, porém, meses antes uma frase dita por uma professora a uma outra aluna sobre seus colegas de turma me levou a um processo reflexivo. A frase em questão surge em contexto de conflito direto com a professora e com a gestão da escola sobre a metodologia de ensino utilizada pela professora em sala de aula. Totalmente autoritária, de pouco diálogo com os alunos e condutas até mesmo de censura.

Era difícil entender como um espaço, criado para ser dialógico, educativo e, principalmente, transformador na vida de dezenas de adolescentes estava se transformando no lado contrário a isso.

A área da educação parecia distante, mas já tinha plena certeza de que aquela escola pública, considerada até então de referência, estava fazendo seu papel de forma errada. Comecei então a buscar sobre cursos na área da educação, algumas licenciaturas específicas e conversei com parentes e conhecidos que tinham alguma formação na área e optou por seguir nessa área.

No ano seguinte, as aprovações entre os dez primeiros nas duas Universidades públicas do Amazonas soam como uma resposta de alívio a um aluno que utilizou uma experiência negativa para acreditar no poder transformador da educação.

Ingressei na Universidade do Estado do Amazonas em 2017 no curso de Licenciatura em Pedagogia. Nos primeiros meses, o desejo por mudança limitava meu discurso e pensamentos somente na área de gestão e já iniciava um estágio na mesma área na própria Universidade. As crianças? Pouco apareciam em

minhas falas e quando apareciam eram acompanhadas por: “não consigo acompanhá-las, não tenho o lúdico, não tenho intimidade.”

A falta de experiência e a ignorância faziam achar que a mudança estaria apenas na ponta do *iceberg*: o ensino médio e a gestão. Até que ouvi de uma professora muito querida, entre o segundo e o terceiro período da faculdade, que um bom gestor pedagógico não pula etapas, mas vive a realidade da educação como ela é, e experimenta das dificuldades estruturais e econômicas que dialogam cotidianamente com milhares de professores, da pré-escola à Universidade. E que, além disso, sendo qualquer cidadão, precisa compreender a criança como sujeito de direitos, que precisam ser ouvidas. Nesse contexto, uma vaga no LEPETE/UEA surge como uma oportunidade para que pudesse iniciar seu contato com a escola e principalmente com crianças.

Sem dúvidas, as experiências vivenciadas na educação infantil, durante as atividades do projeto Assistência à Docência foram de extrema importância para o processo de reflexão quanto à identidade profissional. Alinhado à prática, o suporte oferecido pelo laboratório e a escuta pedagógica sempre presente trouxeram uma sensação de confiança a todos os assistentes.

Confiança essa facilmente demonstrada e percebida por todos os envolvidos nas escolas parceiras, principalmente com os professores titulares das turmas. A cada visita quinzenal, chegamos com mais segurança não apenas para a realização das atividades propostas pelos professores, mas também com sugestões de metodologias para a realização delas. Os chamados, internamente, desdobramentos.

Com efeito cascata, a segurança nas ações realizadas em sala de aula ganhava frequentemente o entusiasmo e o desejo de participação nas atividades. A chegada do assistente à docência em sala era motivo de empolgação, curiosidades e a espera por algo novo.

ENTRE A CIDADE E O CAMPO: OS DESAFIOS DO ALFABETIZAR

A Escola Municipal Prof^a Dian Kelly, localizada na Comunidade do Abelhinha, área ribeirinha, vinte minutos da orla de Manaus, localiza-se a mais de vinte quilômetros em linha reta da Escola Municipal Padre Mauro Fancello, localizada no bairro de Petrópolis, região centro-sul da cidade.

As escolas citadas diferenciam-se em diversos aspectos: estruturais, sociais e itinerários. Contudo, dialogam no desejo pela qualificação de seus professores e, principalmente, pelo compromisso em defesa de uma educação pública gratuita e de qualidade. Compromisso esse demonstrado de formas afetuosas no acolhimento ao projeto Assistência à Docência, do café da manhã aos frequentes diálogos e troca de saberes entre formadores, professores, gestores e assistentes docentes.

Em relação aos anos, trabalhamos com 3º e 1º ano do ensino fundamental, respectivamente. Tratando-se de um bloco de alfabetização, a reflexão necessita alinhar-se cotidianamente com a prática docente. Entendendo a importância desse contexto, os desdobramentos das atividades e a relação com as vivências dos alunos eram ações frequentes durante as aulas. Para Soares (2004) é importante que compreendamos que o processo de alfabetização é diferente do letramento, mas que ambos devem ser trabalhados em uma perspectiva conjunta (p. 43).

No caso da Escola Municipal Dian Kelly, o Rio Negro tornava-se palco principal da troca de saberes, um itinerário de reflexões, diálogos e risadas. O compromisso com a educação tinha um fundo paradisíaco e amazônico, que mesmo na beleza carregava as dificuldades de logística para promoção da aprendizagem de meninos e meninas, ribeirinhos e ribeirinhas. Tudo muito rico!

A turma atendida foi do 3º ano do ensino fundamental onde, durante as visitas, o número de alunos chegou no máximo a três crianças em sala, sendo apenas um menino. A faixa etária era entre 11 e 12 anos, sendo todos residentes nas proximidades da escola. Com o horário estendido, entre sete da manhã e quinze horas, a escola fornece café e almoço em um ambiente espaçoso e naturalmente ventilado. As salas são amplas e organizadas.

Nos poucos dias de visita, percebemos que o professor titular da turma se utilizava de provas avaliativas com bastante frequência, principalmente nos conteúdos de Língua Portuguesa e Matemática. Contudo, as avaliações pareciam pouco contextualizadas e não conseguiam atender a carga horária de toda a manhã, sendo necessários alguns desdobramentos.

Após as provas de português e matemática, levamos os erros cometidos nas avaliações para o quadro e socializamos desde a leitura do enunciado da questão à escolha da questão certa. As caras de frustração pelos erros vão perdendo espaço para os questionamentos, para autoavaliação, para troca de saberes entre os próprios alunos e para aceitação do erro e motivação para corrigi-lo. Habilidades que certamente apenas a decoração de famílias silábicas não traz para o processo de aprendizagem dessas crianças.

Para a Escola Municipal Padre Mauro Fancello, durante o itinerário, o barco é trocado pela van, mas o comprometimento continua. O fundo amazônico é trocado por casas e comércios. Em meio a uma recepção sempre afetuosa e boa estrutura, as salas numerosas tornam-se um desafio protagonista.

A turma atendida foi de 1º ano do ensino fundamental, contava normalmente com vinte alunos com faixa etária entre seis e sete anos, em sua grande maioria residentes no mesmo bairro onde a escola é localizada. Apesar do espaço não ser o mais amplo, a escola conta com uma arquitetura vertical interessante, possuindo salas amplas, auditório, quadra de futebol e até mesmo elevador de acessibilidade distribuídos em dois andares além do térreo. Dentro da

sala de aula, as fileiras não tinham espaço, a escola prioriza uma espécie de círculo aberto para que o professor possa transitar e interagir fácil e igualmente com as crianças.

No 1º ano, o bingo com letras do alfabeto, que tinha apenas o objetivo de identificar as letras “gritadas” pelo professor e colori-las, passou a contextualizar com a vida desses alunos quando ao ouvir a letra “gritada”, antes de pintar, relacionava com objetos da sua residência ou sala de aula, com nomes de parentes ou colegas, nomes dos seus animais de estimação e até mesmo uma conferida em seus próprios nomes para saber se aquela letra estava presente ali.

Nos poucos dias de atuação em ambas as escolas, pudemos perceber uma forte presença do método silábico, utilizando-se da formação de sílabas e compreensão sonora para formação de palavras. Esse processo, apesar de funcionar em muitos casos, quando trabalhado de forma isolada, ignora outras características e conjuntos de habilidades que o processo de alfabetização traz para além de saber codificar determinados símbolos.

Por se tratar de etapas diferentes do bloco pedagógico defendido pela Secretaria Municipal de Educação - SEMED, logo nos primeiros minutos em sala, até pelas falas dos professores, já era nítido os objetivos que cada turma tinha em relação ao processo de alfabetização. Na escola Dian Kelly, a turma de 3º ano estava focada em atividades de leituras e provas de interpretação. Para a escola Mauro Fancello, atividades de reconhecimento do alfabeto e junção de vogais e consoantes para formação de sílabas eram rotineiras.

No pouco tempo de atuação com ambas as turmas, não percebemos atividades que dialogassem com os contextos e realidades ali representadas nas duas escolas e suas comunidades locais. A escola parece encontrar um caminho “menos complexo” através da memorização de sons e códigos. Para essas atividades, os desdobramentos eram necessários não apenas para cumprir carga horária, mas para garantir uma aprendizagem significativa para aquela criança.

Na parte escrita, a letra cursiva era um desafio para os alunos do 1º ano durante as atividades, pois esse tipo de letra exige muito da coordenação motora dessas crianças, as quais, em muitos casos, foram pouco estimuladas durante as etapas da educação infantil ou simplesmente nem chegaram a ser estimuladas. Para Cagliari (1991) a escrita cursiva é importantíssima dentro de nossa cultura, mas não é a forma mais adequada de ensinar alguém a escrever.

Durante as atividades do projeto, o tipo de escrita era livre para que cada aluno pudesse utilizar a que mais fosse confortável para escrever, compreender e até mesmo ler. Em alguns casos, quando o aluno tinha uma dificuldade maior em relação à identificação, optamos, para melhor compreensão, por trabalhar com letras bastão, as quais são propostas nas formações do LEPETE.

Para Soares (1998) é nesse processo de questionamento, confronto e até mesmo diversão que o aluno garante uma relação mais efetiva entre a escrita e o mundo sob uma perspectiva própria e não do professor já alfabetizado.

Os resultados dessa autonomia e liderança do aluno em relação ao seu processo de ensino e aprendizagem eram atividades concluídas mais rapidamente, alunos mais estimulados para as próximas atividades e diminuição do medo em relação a sua própria escrita. O medo e o erro também fazem parte do processo de ensino, sendo importante seu aproveitamento como estímulo a uma autoavaliação da criança e sua autonomia para busca de soluções.

ENTRE FORMAÇÃO E PRÁTICA: O LEPETE NA CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES DOCENTES

Durante o processo formativo da docência, a prática é sem dúvida uma etapa de extrema importância para os futuros professores, pois é no cotidiano da escola ou de qualquer ambiente educativo que dialogamos com as problemáticas sociais, financeiras, estruturais e formativas. É nesse momento em que indagamos, refletimos, desconstruímos utopias criadas durante nossa formação e que estão ligadas ao processo de construção da nossa identidade profissional.

É nesse aspecto que o LEPETE ousa investir cotidianamente em suas ações enquanto espaço formativo. Traçando itinerários por terras e águas, coloca frente a frente estudantes de licenciaturas, professores, formadores, alunos e principalmente a realidade da educação pública. Indo além, conhecer os cotidianos das escolas e suas problemáticas com o objetivo de propor soluções que atenda a todos os envolvidos. Mas para que tudo isso funcione, a escuta pedagógica oferecida pelo laboratório é o pilar central das suas demandas. É através dessa escuta, pedagógica e sensível, que traçamos metas, objetivos, ações e desdobramentos que tenham um real significado para quem executa e para quem é atendido.

É nesse processo que o LEPETE constrói espaços interdisciplinares e transdisciplinares de diálogos, escutas e atitudes que vão além da questão meramente curricular entre quem já enfrenta há anos os desafios da sala de aula e quem ainda se prepara para assumir esse papel. As trocas de conhecimentos entre formadores e assistentes biólogos, pedagogos, professores de português e matemática, educadores físicos, geógrafos e historiadores, mesmo que ainda em formação, carrega em cada debate e em cada plano de aula construído um espaço para a diversidade e para produção de ciência, exigindo de todos os envolvidos um pouco de criatividade, sensibilidade e afetividade em cada gesto, ponto ou vírgula utilizada.

Para Wanzeler e Menezes (2020):

[...]é preciso considerar que a formação numa perspectiva transdisciplinar é uma via de mão dupla, em que os sujeitos da formação também são sujeitos formadores, que enxerga na escola um lugar do multiculturalismo, da multidisciplinaridade de tempos, espaços, conflitos, contradições, ambivalências, imprevisibilidades e incertezas quanto à trajetória percorrida(p. 30).

É nesse espaço que o biólogo se apropria de técnicas de alfabetização, que educador físico aprende a trabalhar literatura com crianças e que o pedagogo aprende com o geógrafo as infinitas possibilidades de atividades com um globo terrestre em sala de aula. É nesse contexto que as áreas de humanas, exatas e biológicas complementam-se para que durante a prática docente a visão seja unicamente de um professor ético, responsável e crítico de suas próprias ações.

Paulo Freire (2021) enfatiza o que é fundamental na prática docente:

na prática da formação docente, o aprendiz de educador assuma que o indispensável pensar certo não é presente dos deuses nem se acha nos guias de professores que iluminados intelectuais escrevem desde o centro do poder, mas, pelo contrário, o pensar certo que supera o ingênuo tem que ser produzido pelo próprio aprendiz em comunhão com o professor formador (p. 39).

Nesse sentido, é notória a influência do LEPETE na profissionalização docente e na construção da identidade profissional de cada indivíduo que o compõe, através de um processo emancipatório de didáticas, pensamentos e comportamentos. É nessa autonomia que buscamos cotidianamente nos encontrar e reencontrar diante dos velhos e novos desafios que encontramos e desencontramos em nossa formação inicial e nos quais já refletimos nossas formações continuadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas breves narrativas apresentadas nesse relato, objetivamos levar ao leitor um resumo de nossas experiências enquanto assistentes docentes no multicultural mundo da educação pública. Apresentamos nossas opiniões e questionamentos sobre a prática docente nas escolas visitadas em prol de uma autorreflexão e emancipação dos pensamentos e atitudes que constroem e reconstroem um ser professor ou professora.

Trouxemos, de maneira objetiva, a importância da prática e do diálogo em espaços interdisciplinares e transdisciplinares que vão além do currículo institucional, mas que vivenciam um currículo vivo e que atende as necessidades de uma sociedade que se transforma a cada instante.

Entre rios e ruas, o LEPETE atua como um espaço de defesa a uma escola pública de qualidade, de respeito à diversidade e de comunhão entre os saberes diferentes e interculturais. É nesse contexto que objetos de pesquisas se tornam sujeitos da pesquisa e coletivamente utilizam-se das mais diversas realidades, experiências e expectativas para produção de ciência.

É em relatos como esse que apresentamos que essa produção de ciência do LEPETE se caracteriza e se destaca, pois carrega afetividade e aberturas para subjetividades, questionamentos e principalmente autocríticas, ficando, assim, uma reflexão sobre o processo de construção de identidades profissionais que perpassam nesses aspectos e que muitas vezes não são destacados em nosso processo de formação inicial de professores.

REFERÊNCIAS

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**. 1. ed. São Paulo: Scipione, 1991.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. 68. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2021.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2020.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**, n. 25, 2004. Disponível em:
<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a01.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2021.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998

WANZELER, Eglê Betânia Portela; MENEZES Maria Quitéria Afonso (org.). **Formação de professores e professoras: lugares, saberes e subjetividades**. Manaus, AM: Editora UEA, 2020. Disponível em:
<http://repositorioinstitucional.uea.edu.br/handle/riuea/3108>. Acesso em: nov. 2021.

ANEXOS

Figura 1 - Momento de Assistência à Docência na Sala de Aula da Escola Municipal Dian Kelly do Nascimento Mota



Fonte: Arquivo do LEPETE, 2021.

Figura 2 - Momento de Assistência à Docência na Sala de Aula da Escola Municipal Padre Mauro Fancello



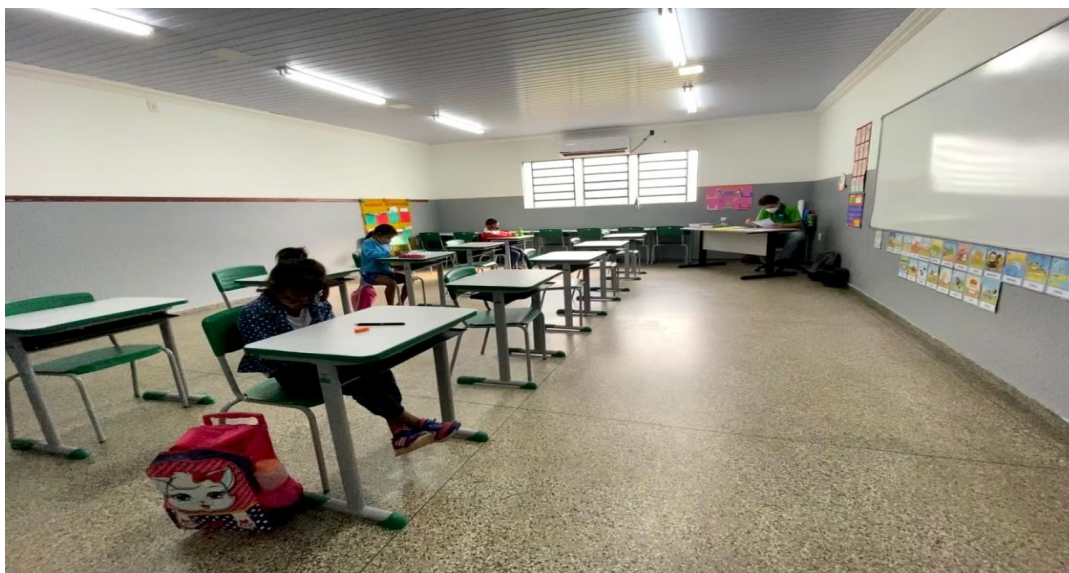
Fonte: Arquivo do LEPETE, 2021.

Figura 3 - Momento de Assistência à Docência na Sala de Aula da Escola Municipal Dian Kelly do Nascimento Mota



Fonte: Arquivo do LEPETE, 2021.

Figura 4 - Fundos da Escola Dian Kelly do Nascimento Mota



Fonte: Arquivo do LEPETE, 2021.

Figura 5 - Frente da Escola Dian Kelly do Nascimento Mota



Fonte: Arquivo do LEPETE, 2021.

Figura 6 - Momento de recepção na Escola Dian Kelly do Nascimento Mota



Fonte: Arquivo do LEPETE, 2021.

Figura 7 - Frente da Escola Municipal Padre Mauro Fancello



Fonte: Arquivo do LEPETE, 2021.

Figura 8 - Momento de encontro com a professora da turma da sala de aula em que se faz a Assistência à Docência na Escola Municipal Padre Mauro Fancello



Fonte: Arquivo do LEPETE, 2021.

Figura 9 - Momento de Assistência à Docência na Sala de Aula da Escola Municipal Padre Mauro Fancello



Fonte: Arquivo do LEPETE, 2021